

DRAMA HUMANO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Conselho editorial

André Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon de Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luis Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

Blucher Open Access

MARIA ELIZA MATTOSINHO BERNARDES
LAURA MARISA CARNIELO CALEJON
MARA APARECIDA DE CASTILHO LOPES
MARIA FLÁVIA SILVEIRA BARBOSA
(organizadores)

DRAMA HUMANO NA
SOCIEDADE DO ESPETÁCULO
reflexões sobre arte, educação e políticas
públicas, em tempos de pandemia

2021

Drama humano na sociedade do espetáculo: reflexões sobre arte, educação e políticas públicas, em tempos de pandemia.

© 2021 Maria Eliza Mattosinho Bernardes, Laura Marisa Carnieli Calejon, Mara Aparecida de Castilho Lopes, Maria Flávia Silveira Barbosa
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Catarina Tolentino

Diagramação Tais do Lago

Revisão Daniel Safadi

Revisão técnica Anna Maria Lunardi Padilha, Wanda Maria Junqueira de Aguiar, Jorge Luiz Schroeder, Israel José Santana, Maria Silvia Rosa Santana

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Tomás Guardia Bencomo

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Drama humano na sociedade do espetáculo :
reflexões sobre arte, educação e políticas públicas,
em tempos de pandemia / organizado por Maria Eliza
Mattosinho Bernardes...[et al]. — 1. ed. — São Paulo :
Blucher, 2021.
300 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5550-116-2 (impresso)
ISBN 978-65-5550-117-9 (eletrônico)

1. Pandemia - COVID-19 (Doença) - Aspectos sociais
- Brasil 2. Pandemia - COVID-19 (Doença) - Aspectos
políticos - Brasil 3. Pandemia - COVID-19 (Doença)
- Educação - Brasil 4. Pandemia - COVID-19 (Doença) -
Arte - Brasil I. Bernardes, Maria Eliza Mattosinho

21-4565

CDD 304.27

Índices para catálogo sistemático:

1. Pandemia - COVID-19 (Doença) - Aspectos sociais e políticos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
REFERENCIAS	20
 PARTE I – O CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO DA PANDEMIA DO SARS COV2 – COVID 19	
21	
CAPÍTULO 1 – AS CIÊNCIAS HUMANAS NA ANÁLISE DO CAOS CONCRETO EVIDENCIADO PELO PERÍODO PANDÊMICO	23
INTRODUÇÃO	23
CONHECIMENTO SOBRE O HUMANO E AS COLETIVIDADES	25
POLÍTICAS PÚBLICAS – CONHECIMENTO TÉCNICO E HUMANO NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS	36
NEOLIBERALISMO, PROGRESSO E O ESPETÁCULO	39
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	45
 PARTE II – EDUCAÇÃO E ARTE COMO CAMPOS DE RESISTÊNCIA À ALIENAÇÃO	
49	
CAPÍTULO 2 – CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NA FORMAÇÃO HUMANA, EXCLUSÃO SOCIAL E PANDEMIA	51
INTRODUÇÃO	51
MÚSICA E CONSTITUIÇÃO HUMANA	53
EXCLUSÃO NO ACESSO AO ENSINO DE MÚSICA	58
PROJETOS SOCIAIS E ENSINO DE MÚSICA: CONTRADIÇÕES EM FOCO	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	68

CAPÍTULO 3 – “INDÚSTRIA DO ISOLAMENTO”: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS MUSICAIS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	71
INTRODUÇÃO	71
VIDA DILACERADA: O DRAMA HUMANO NO CAPITALISMO.....	73
UMA CONCEPÇÃO DE ARTE.....	75
REFLEXÕES A PARTIR DO CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL.....	79
MÚSICA NA QUARENTENA: REFLEXÕES	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	95

CAPÍTULO 4 – O ROCK COMO ESTILO MUSICAL POLÍTICO: UM FILHO DA INDÚSTRIA CULTURAL RESISTENTE À ALIENAÇÃO	99
INTRODUÇÃO	99
UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	101
DIMENSÃO POLÍTICA DO ROCK.....	104
ANÁLISE: ENQUANTO HOUVER BURGUESIA, NÃO HAVERÁ POESIA.....	106
CONCLUSÃO.....	116
REFERÊNCIAS.....	117

PARTE III – ESTUDOS TEÓRICO PRÁTICOS SOBRE EDUCAÇÃO E SUAS CONTRADIÇÕES

CAPÍTULO 5 – A EDUCAÇÃO DURANTE E PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: CAMINHOS TEÓRICOS PARA UMA REFLEXÃO	123
EDUCAÇÃO, SAÚDE E REALIDADE BRASILEIRA.....	128
PARA COMPREENDER A INTEGRALIDADE DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO: DIFERENTES PERSPECTIVAS.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS.....	144
CAPÍTULO 6 – DESDOBRAMENTOS NA EDUCAÇÃO FORMAL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: DAS CONTRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO À UNIDADE AFETO-COGNIÇÃO NA ATIVIDADE PEDAGÓGICA	149
INTRODUÇÃO	149

ALGUMAS CONTRADIÇÕES HISTÓRICAS NA REALIDADE EDUCACIONAL BRASILEIRA.....	151
MEDIAÇÃO DA CULTURA E A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO	157
UNIDADE AFETO-COGNIÇÃO NA ATIVIDADE PEDAGÓGICA.....	162
A REALIDADE DOS ESTUDANTES DURANTE CRISE SANITÁRIA DA COVID-19 – 1º SEM. DE 2020	165
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	170
REFERÊNCIAS	171
CAPÍTULO 7 – PANDEMIA DE COVID-19 E EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: EVIDÊNCIAS DE CONTRADIÇÕES HISTORICAMENTE CONSTITUÍDAS	177
INTRODUÇÃO	177
A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	181
O CONTEXTO DA PANDEMIA E A ESCOLA COMO ESPAÇO DE EXCLUSÃO HISTORICAMENTE CONSTITUÍDO.....	187
EDUCAÇÃO PARA TODOS: A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE INCLUSÃO	194
REFERÊNCIAS.....	196
PARTE IV – A PRÁTICA SOCIAL NAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS - RELATOS SOBRE A REALIDADE CONCRETA.....	201
CAPÍTULO 8 – EDUCAÇÃO ESCOLAR NÃO PRESENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA NA REGIÃO DO ABC PAULISTA.....	203
REFERÊNCIAS	209
CAPÍTULO 9 – ENSINO REMOTO OFERTADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ: A ATIVIDADE DE ENSINO EM TEMPOS DE CRISE E “REINVENÇÃO”	211
REFERÊNCIAS	215
CAPÍTULO 10 – VIVÊNCIAS DO ENSINO REMOTO EM PERÍODO PANDÊMICO EM UMA ESCOLA DO PROGRAMA DE ENSINO INTEGRAL DO ESTADO DE SÃO PAULO 217	
REFERÊNCIAS	231

CAPÍTULO 11 – ENSINO REMOTO E SURDEZ NO PERÍODO DA PANDEMIA COVID-19: IMPASSES E DESAFIOS.....	235
REFERÊNCIAS.....	240
CAPÍTULO 12 – UM RECORTE DO ENSINO NO IFSP NO INÍCIO DA PANDEMIA DA COVID-19.....	243
REFERÊNCIAS.....	248
CAPÍTULO 13 – A GESTÃO ESCOLAR NA PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DO ENSINO NÃO PRESENCIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO ENSINO SUPERIOR.....	251
REFERÊNCIAS.....	257
A TÍTULO DE CONCLUSÃO... ..	259
CAPÍTULO 14 – POLÍTICAS PÚBLICAS, PRESENTE E FUTURO.....	261
O QUE SÃO, AFINAL, AS POLÍTICAS PÚBLICAS?.....	262
A CRISE DA COVID-19 E AS POLÍTICAS PÚBLICAS – OU AUSÊNCIA DELAS – NO CONTEXTO BRASILEIRO	263
O PODER DAS IDEIAS E DISCURSOS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	265
POLÍTICA PÚBLICA DECIDE QUEM GANHA O QUÊ, QUANDO E COMO OU QUEM VIVE E QUEM MORRE	271
AS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE DESEJAMOS PARA O FUTURO PÓS-PANDEMIA	275
A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO X BEM VIVER.....	283
REFERÊNCIAS.....	288
SOBRE OS AUTORES.....	295

APRESENTAÇÃO

Gloria Fariña

Injértese en nuestras repúblicas el mundo,
pero el tronco ha de ser el de nuestras repúblicas.

José Martí

El «*Drama humano en la sociedad del espectáculo: reflexiones sobre arte, educación y políticas públicas*», es un libro de múltiples valores, por sus aportes a la búsqueda de fundamentos filosóficos y científicos que superen el acostumbrado empirismo en el estudio de la sociedad, de un pensamiento capaz de trascender la descripción de la realidad en el estudio de la génesis y esencia de sus problemas, o sea, capaz de ir más allá de lo fenoménico (subjetivismo u objetivismo), porque oscurece o deforma el entendimiento sobre estas cuestiones.

Filosofía concretada en un enfoque científico sistémico que centra su atención en la unidad cultura-sociedad-ser humano, en su desenvolvimiento histórico, plasmada en las ciencias humanas por el enfoque histórico culturalista; orientado a la comprensión-explicación de la génesis del desarrollo humano a través de herramientas dialécticas. Por consiguiente, sus perspectivas son las del cambio revolucionario, el salto cualitativo. El verdadero desarrollo humano a escala social

y personal, no el cambio lineal, progresivo o meramente acumulativo, distante de la condición humana.

Esto encontraremos en las páginas del libro, instrumentos para la valoración crítica y la transformación de la realidad, pues solo en un proceso de transformación se llega a conocer la esencia de esta. La práctica revolucionaria (Gramsci, 2007).

Pero la práctica realmente revolucionaria exige teoría revolucionaria, como la ya apuntada. Teoría dialéctica que capte las necesidades concretas del ser humano -oprimidos y opresores-, penetrando en su médula; sin soluciones abstractas ajenas a la naturaleza del drama humano, y tornadas banales y entrañadas en la sociedad del espectáculo. Por esta razón se dan cita en este libro: Marx, Engels y Lenin, seguidos por otros marxistas prominentes que parecen inspirar el título y propósito general del libro. Entre ellos, Politzer con el planteamiento acerca del drama humano y la psicología concreta; Debord que examina la problemática de la sociedad del espectáculo. Sánchez Vázquez quien endurece el tema del drama con su planteamiento sobre la tragedia de la sociedad capitalista. Del mismo modo otros autores de estatura semejante, quienes de una forma u otra revelan la enfermedad del capitalismo y anuncian posibles vías de solución, aún factibles en el siglo XXI. La praxis revolucionaria contraria a la postura contemplativa de una sociedad caracterizada por la visión instrumental del ser humano, siendo este a la vez: objeto de explotación y consumidor de mercancías. El ser humano individualista y cosificado hasta conseguir su alienación.

El libro sobresale por la forma de capítulo par lograr comunidad con los restantes, manteniendo su aporte único. Texto enriquecido por diferentes vivencias y experiencias recogidas con sensibilidad y compromiso con el pueblo brasileño. Y aunque su elaboración ha requerido la profundización en ese drama humano convertido en tragedia, se percibe la esperanza optimista, no idealizada sino revolucionaria, de los autores.

Se me hace imprescindible, citar por su elocuencia algunos análisis, acerca de esa realidad trágica impuesta por el capitalismo, expuestos por diversos autores considerados a continuación debido a su vigencia. Primeramente, el análisis de Marcuse, en su célebre libro *«El hombre unidimensional»*. Decía este autor:

[...] Y es esta solidaridad la que ha sido quebrada por la productividad integradora del capitalismo y por el poder absoluto de su máquina de propaganda, de publicidad y de administración. Es preciso despertar y organizar la solidaridad en tanto necesidad biológica de mantenerse unido contra la brutalidad y la explotación inhumanas. Esta es la tarea. Comienza con la educación de la conciencia, el saber, la observación y el sentimiento que aprehende lo que sucede: el crimen contra la humanidad. La justifi-

cación del trabajo intelectual reside en esta tarea, y hoy el trabajo intelectual necesita ser justificado» (MARCUSE, 2016, p. 26).

Y más adelante este autor especifica:

[...] nos encontramos ante uno de los aspectos más perturbadores de la sociedad industrial avanzada: el carácter racional de su irracionalidad. Su productividad y eficiencia, su capacidad de incrementar y difundir sus comodidades, de convertir lo superfluo en necesidad y la destrucción en construcción, el grado en que esta civilización transforma el mundo-objeto en extensión de la mente y el cuerpo. La gente se reconoce en sus mercancías; encuentra su alma en su automóvil, en su aparato de alta fidelidad, su casa, su equipo de cocina. El mecanismo que une el individuo a su sociedad ha cambiado, y el control social se ha incrustado en las nuevas necesidades que ha producido» (MARCUSE, *Ibid.*, p. 47).

Termino las citas con el siguiente análisis, del mismo autor:

Si el trabajador y su jefe se divierten con el mismo programa de televisión y visitan los mismos lugares de recreo, si la mecanógrafa se viste tan elegantemente como la hija de su jefe, si el negro tiene un Cadillac, si todos leen el mismo periódico, esta asimilación indica no la desaparición de las clases, sino la medida en que las necesidades y satisfacciones que sirven para la preservación “del sistema establecido” son compartidos por la población subyacente». (MARCUSE, *Ibid.*, p. 47).

Y así, el ser humano unidimensional es la aspiración de la sociedad del espectáculo para las masas, aquellos con muy pocas oportunidades de cursar estudios desarrolladores pues estos implican criticidad, creatividad, toma de conciencia de sí mismo y dominio de su propio destino, en otras palabras, un posible agente social transformador. El ser humano unidimensional es el más enajenado porque llega a creer, como el negro del ejemplo, que en eso consisten la igualdad y el derecho ciudadano de un justo contrato social, en lugar de la realidad. Taimadas manipulaciones -otras cínicamente explícitas- para asignarle y perpetuar su servilismo en la sociedad y transformar la satisfacción del derecho humano en algo recibido por caridad. Esta es una de las razones, por las cuales son necesarias herramientas teóricas emancipadoras, al estilo de las propuestas en la presente obra, pues hay que saber escarbar en la realidad, pero en la realidad histórica, en la génesis del statu quo actual, ligado intrínsecamente con sus antecedentes.

El libro reconoce a la pandemia en el agravamiento de situaciones sabidas porque son tan antiguas como el colonialismo y otras formaciones socioeconómicas anteriores. Se trata de suprimir las causas y demandas de cambios sustanciales, de silenciarlas, distraendo a la ciudadanía -a la masa unidimensional- de la comprensión y explicación de las mismas, a fin de que los cambios sean solo de apariencias; así se han valido de los medios de comunicación con sus técnicas

de embrutecimiento y aislamiento, fraccionadoras aún más el tejido social con el objetivo de evitar la unión ciudadana por el bien común. Asimismo, se propone colocar la responsabilidad en las personas quitándosela al Estado, creando de esta manera un terreno fértil donde imperen los intereses empresariales y con estos: el economicismo por encima de la justicia social. En verdad, son las empresas las gobernantes en los países neoliberalistas. Los casos de Trump y Bolsonaro son una evidencia malévola.

El lector encontrará en este libro un amplio abanico de situaciones en Brasil que dan cuenta de la ausente distribución de las riquezas, en un país pródigo en estas con dimensiones continentales. Es más, la teoría y la realidad estudiadas por los autores pueden ser utilizadas para analizar la situación en otros países del tercer mundo y...también del primero; pues lo que sucede en los llamados países desarrollados, o del primer mundo, debe examinarse conjuntamente con lo sucedido en los otros, no hay separación posible ¿cuáles son las causas de las migraciones de sur a norte, donde se acumula y reproduce el robo de las riquezas del sur? Un norte que con absoluto cinismo deposita las causas de estas emigraciones en la “pobreza natural” del sur. La llamada epistemología del sur, reclama un posicionamiento crítico, no unilateral ante esa realidad, no concientizada por los emigrados, porque han sido enajenados de su esencia humana y esperan la acción caritativa del norte ignorando sus propios derechos, también porque ignoran su historia o tienen una visión simplista y eufemística de esta.

Son la cultura, y su desarrollo en la historia, la diana del opresor, primero del colonialismo y luego del neocolonialismo alimentado por las distintas versiones de liberalismo. Los españoles construyeron sus ciudades encima de las edificaciones aztecas, mayas y otro tanto en otras civilizaciones de América Latina ¿motivación? Aplastar, y con esto, suplantar la cultura originaria por la cultura del colonizador. Es el mismo mecanismo de manipulación expuesto en el ejemplo del negro dueño del Cadillac, cuya aspiración es parecerse a aquellos que lo desprecian. «Suprimo tu cultura originaria y la reemplazo con la mía: el consumo de mercancías». Es así como se puede tener al ser humano, subyugado, además, sin propiciar la educación de calidad para todos. Parafraseando a Marcuse, el control social se realiza atrapando al ciudadano en el consumismo, que impregna su subjetividad y espiritualidad. Es el dilema planteado por Fromm (2009): ser o tener.

Dice Martí (1963) ¡y cuánta razón tiene! ser libre requiere ser culto, es la única manera de conseguirlo, pues es el saber el que afila nuestras lecturas y apreciaciones sobre la realidad. La mirada penetrante de la lectura entrelíneas, hacer visible lo invisible, señalar las ausencias, lo silenciado, lo simplificado o fraccionado exige

agudeza y determinado acervo cultural -no memorístico o reproductivo- ¿acaso la enseñanza reproductiva ha sido casual e inocente? Si el análisis debe trascender la apariencia o fenómeno para llegar a la verdad, entonces el examen crítico es imprescindible y con plena deliberación. O sea, es necesario ser un lector crítico y comprometido con la emancipación y actuar con una posición consciente; lo cual se contrapone a la ingenuidad o banalidad de los actos de lectura. Los valores de la nueva sociedad no pueden ser ambiguos en sus definiciones respecto a la sociedad capitalista (Borón, 2009)

Y al profundizar en la naturaleza de los recursos culturales de manipulación social destaco a Pogolotti (2015), quien apunta:

El mercado y las industrias culturales han elaborado fórmulas para la construcción de un receptor pasivo, sometido a la ley del menor esfuerzo, a la inercia y a las tentaciones de la evasión (característico de la sociedad del espectáculo). Tras la nombradía de prolíficos autores de *bestsellers*, existen con frecuencia equipos de artesanos habilidosos capacitados para rellenar cuartillas, a partir de una pauta establecida por quien pone su rúbrica en la obra. El invento no es nuevo. [...] Lo nuevo está en la globalización del fenómeno alentado, por la rápida consolidación de los monopolios de la producción y la distribución, acompañado todo ello por un pensamiento teórico cada vez más vulgarizado y hegemónico (POGOLOTTI, p.94).

Uno de los mejores ejemplos de la manipulación significativamente más elaborada, sobre todo porque está diseñado con gusto depurado para la infancia, son los personajes de Disney; entre ellos el pato Donald, cuya aparición en la televisión permitió inundar los hogares con su ideología, cuestión apuntada por Prieto (2015) en un elogio a Armand Mattelart y a su obra, particularmente al libro *«Para leer al Pato Donald»*:

Hasta que llegaron Armand y Dorfman y [...] me advirtieron (y lo probaron brillantemente) que Disney me había estado envenenando con sus patos asexuados, con su legión de sobrinos, con un símbolo extremo del egoísmo capitalista, el Tío Rico Mac Pato, que se presentaba como un tacaño invenciblemente simpático, al que uno siempre terminaba perdonando (p.3).

Si algún día se me ocurre escribir una especie de Bildungsroman autobiográfica, es decir, una de aquellas clásicas “novelas de aprendizaje” en las que el protagonista va pasando por una serie de “iniciaciones” sucesivas, asociadas al descubrimiento del mundo y de sí mismo y a la pérdida de la inocencia, tendría que referirme a mi encuentro con el Pato Donald desmenuzado por Armand y Dorfman (Ibid. p.4).

Los procesos históricos y culturales son complejos. En estos se anudan dialécticamente condiciones-consecuencias, históricas (pasadas-actuales-futuras), externas e internas, generales y particulares. Hoy se habla bastante de dos tendencias de pensamiento: la epistemología del sur en De Sousa Santos (2009) y el

enfoque de la complejidad en Morin (1994). Ambas son tendencias de progresiva aceptación y nos plantean la necesidad urgente de cambiar la manera de conocer el mundo e intervenir en este mediante otra forma de entendimiento y actuación humana, problemática antigua reeditada en el presente. El primero llama la atención sobre la mirada descolonizada de la realidad latinoamericana y de todo el sur, cuya óptica implica en esencia, valores, sustentadores de juicios críticos y sus consecuentes acciones de no plegarse a determinados dictados, con fines contrarios al desarrollo esperado en estas naciones. El segundo, se plantea la necesidad de la mirada compleja o dialéctica de una realidad, cuya simplificación obstaculiza las soluciones de esencia. Concepción que ha puesto en evidencia la relevancia de la dialéctica marxista porque nació de esta, y aunque Morin no comparte ciertos criterios dialéctico materialistas -de los cuales no hablaremos por los fines trazados aquí-, ha traído de nuevo el tema al escenario del debate internacional y de las elecciones científicas, técnicas, en fin, de la cultura en toda su extensión; y por supuesto, no podemos ignorar el contenido interesante de su obra, sin embargo, con salvedades. El tercero es el enfoque histórico culturalista cuya obra se basa en el pensamiento de los fundadores del marxismo, y al mismo tiempo, en las ideas de Spinoza, lo cual ratifica el carácter abierto de sus planteamientos.

Interpretar las razones de los autores del presente libro para elegir este último enfoque, merece una presentación un poco más detallada. La decisión ha sido adecuada además de arriesgada, pues también han llevado su ideario más allá de los límites del aula (donde se le ha adjudicado el peso significativo), y se ha hecho bastante bien, por cierto. Son diversos los criterios de selección, a mi juicio, pudieran ser los siguientes:

El carácter complejo dialéctico de este pensamiento científico, capaz de desarrollar sus conceptualizaciones ajustándolas, cuando sea adecuado, a los tiempos históricos según las condiciones culturales de la realidad en análisis y transformación.

Su axiología, pilar fuerte de su sistema de pensamiento, en tanto corresponde a las relaciones en verdad democráticas entre las personas en su realidad material y espiritual. Puede hablar de desarrollo potencial porque estudia como todos los seres humanos, sin distinción, pueden conseguirlo. Destaca la cooperación antes de la autonomía, aunque no las separa nunca, pues constituyen una unidad durante la historia, durante el desarrollo de la persona.

Galperin (1972), uno de los colaboradores y discípulo de Vygotski, estudia el tejido de las características psicológicas del desarrollo personal en la conquista de la autonomía (sin desligarla de la cooperación), entre las que considera de mayor

peso, la criticidad. En otras palabras, el desarrollo de un sujeto es limitado si no es crítico, además, la creatividad si esta no es precedida y mediada por la criticidad (Fariñas, 2020).

Tal vez este análisis pudiera bastar para dar cuenta de la elección, aunque lo sabido sobre este enfoque teórico es mucho más rico y concreto en sus planteamientos. Justamente esta óptica nos permite ver con claridad que la tecnología venerada por las empresas y gobiernos, no resuelve el problema. Son los objetivos de transformación, el y el método de análisis crítico de la realidad -en calidad de sistema dialéctico-, los cuales pueden dar una mejor orientación a la práctica (en conjunto: la praxis, pues entraña cambio revolucionario). Además, la tecnología es un excelente medio, pero cuando es accesible para todos sin distinción, decirlo y no hacerlo es habitual, pero es hábito demagógico. Problemática bien planteada en los capítulos que la refieren ¿acaso los gurús de las tecnologías pueden considerarse más sabios e inteligentes que Arquímedes o Da Vinci? La respuesta, a mi juicio, es No.

¡Levantemos entonces el telón del espectáculo para analizar las demostraciones críticas de sus autores! Sin dudas, para el cambio revolucionario.

No lo diré todo de cada parte y capítulo, apuntaré algunos de los contenidos esenciales, en mi criterio, para causar el análisis del lector.

La primera parte del libro dedicada al marco conceptual y crítico sobre las condiciones del contexto histórico y político de la pandemia del SARS-COV-2, clarifica en su único capítulo, *Las ciencias humanas en el análisis del caos concreto evidenciado por el periodo pandémico*, la necesidad de un fundamento teórico explicativo de la sociedad, para la acción sociocultural transformadora; lo cual significa ruptura de hábitos históricos de pensamiento y la construcción dialéctica de un nuevo ideario, que los traspase por obedecer a intereses socioeconómicos ajenos al bien común. Asimismo, examina la problemática de la humanidad enajenada, la fragmentación sociocultural y otros males -actualizados durante la pandemia- como parte de las consecuencias de tales miradas tergiversadas del universo. Quedan así, varias incógnitas a descubrir en su texto ¿cuál sería la operatoria de esa teoría dialéctica en la resignificación de la observación y reconstrucción de la sociedad brasileira actual?, entre otras

En la segunda parte del libro, denominada *Educación y arte como campos de resistencia a la alienación*, se incluyen los capítulos siguientes: II. *Contribución de la música en la formación humana, exclusión social y pandemia*. III. *“Industria del aislamiento”: un análisis de producciones artísticas musicales durante la pandemia de Covid-19*. IV. *El rock como estilo musical político: un hijo de la industria*

cultural de resistencia a la alienación. Estos nos dan en su conjunto, la idea del papel enriquecedor o alienante del arte atendiendo a los valores socioeconómicos que lo respalden. El énfasis en la música y los medios masivos, muestran el poder de esta forma del arte sobre el público.

El segundo capítulo destaca el arte así que instrumento cultural, simbólico y sustancial, por su forma de extender el horizonte de mira del espectador, cuando plantea, que el desenvolvimiento de las funciones psíquicas superiores debe estar mediado por la apropiación del buen arte y el desarrollo de la sensibilidad artística. Y cuando el arte también promueve la resistencia y el cambio revolucionario, uno de sus nichos fundamentales. Pensemos por un momento en las décadas de los sesenta y setenta, sin el movimiento de la Canción Protesta muy presente en El Caribe y América Latina, especialmente en Brasil con notables cantautores... Se deja al debate ¿cuáles serían las características de ese nuevo arte necesario? ***El tercer capítulo***, cuestiona el modo en que la industria del espectáculo con sus fines economicistas, ha logrado el aislamiento social y cultural en Brasil -extensible a otros países de la región- con repercusiones negativas en la vida de los ciudadanos y sus relaciones con los demás, más marcadas en este tiempo de pandemia. La producción del arte como mercancía banal, la existencia masiva de espectadores pasivos, o sea, consumidores de bienes culturales no emancipatórios, nos conduce a pensar en la urgencia de los cambios y ¿cómo transgredir este statu quo?. Cuestiones a debatir, también con una perspectiva futura, pues estas son formas sustanciales de llegar a la ciudadanía. ***El cuarto capítulo***, destaca al rock, así que forma musical historicamente más influyente en los jóvenes en general, en las tribus juveniles urbanas y otros grupos, probablemente pujantes en la sociedad. Su actuación contracultural o de protesta limita la amplia divulgación de este tipo de música a través de medios como la televisión nacional de Brasil; planteamientos que persiguen, en el capítulo, la idea de una reforma efectiva para la concienciación de la cultura, al menos en estos sectores de la población. Pero ¿cuáles pudieran ser las formas factibles de las nuevas propuestas sin renunciar a los objetivos fundamentales? son temas sugerentes para el debate.

La tercera parte del libro titulada *Estudios teórico-prácticos sobre educación y sus contradicciones*, plantea pivotes imprescindibles en el examen de las posibilidades y trabas en el desarrollo de la educación brasileña de manera general, aplicable a las condiciones particulares de la pandemia. Compendia tres capítulos: V. *La educación durante la pos-pandemia de Covid-19: caminos teóricos para una reflexión.* VI. *Desarrollos de la educación formal durante la pandemia COVID-19: de las contradicciones en la educación a la unidad afecto-cognición en la*

actividad pedagógica. VII. Pandemia de la Covid-19 y educación de personas con deficiências: evidencias de contradicciones históricamente constituidas.

El quinto capítulo, reflexiona sobre el sistema educacional en Brasil, a partir de teorías no abstractas que posibiliten su transformación concreta, en aras de solucionar problemas agravados en este período analizado. Subraya el papel de los saberes científicos sistémicos y el eje histórico del análisis, negados por políticas educacionales, pero necesarios al desarrollo humano. Toma el desenvolvimiento de la educación, por ser clave para demostrar la ausencia de políticas públicas coherentes con la realidad en tiempos de neoliberalismo, y al mismo tiempo, aporta datos específicos para apoyar el análisis. Sin embargo, deja lugar para el debate sobre ¿cuáles serían las condiciones y formas de dichas políticas en el planteamiento sobre ese conocimiento necesario? ***El sexto capítulo***, evidencia el pobre acceso a las orientaciones gubernamentales, especialmente en la situación de emergencia actual. Resalta las desigualdades camuflageadas por los discursos políticos sobre diversos derechos humanos, entre estos el acceso al conocimiento teórico y la asignación del saber técnico a la población con menos recursos, evidenciando a la escuela como instrumento del statu quo vigente, manifiesto en los dos casos narrados. No obstante, traza direcciones para desarrollar una cultura y educación de calidad, fundamentadas en una teoría que pondere las potencialidades de todo desarrollo humano, dejando abierta la discusión sobre ¿cuáles serían los mejores contenidos curriculares y las formas pedagógicas para lograr ese desarrollo? ***El séptimo capítulo***, muestra las contradicciones entre los supuestos principios democráticos y el drama humano en la sociedad capitalista, acentuadas en 2020-2021. Plantea la necesidad de una escuela no destinada principalmente a educar las maneras de adaptación del sujeto al medio, sino a educar actitudes desarrolladoras. Examina las condiciones de la educación especial, por considerarla una de las mejores expresiones de las desigualdades sociales no reconocidas por los políticos, y reclama al mismo tiempo, programas de enseñanza que propicien adecuadamente las compensaciones psicológicas en los procesos del desarrollo de estos educandos; queda en pie la cuestión de ¿cuáles serían los modos concretos de los cambios en aras de un desarrollo estudiantil activo y creador?

La cuarta parte denominada *La práctica social en las instituciones educacionales: relatos sobre la realidad concreta*, reúne seis capítulos dedicados a la práctica educativa en este tiempo de Covid-19, numerados VIII. *Educación escolar no presencial en tiempos de pandemia em la região del ABC Paulista*. IX. *Enseñanza remota ofertada por la Secretaría de Educación del estado de Paraná: la actividad de enseñanza en tiempos de crisis y “reinención”*. X. *Vivencia de*

la enseñanza remota em período pandémico en una escuela del programa de enseñanza integral de São Paulo. XI. Enseñanza remota y sordera en el período de la pandemia Covid-19: impases y desafíos. XII. Un recorte de la enseñanza en IFSP al inicio de la pandemia de Covid 19. XIII. La gestión escolar en la pandemia: la experiencia de la enseñanza no presencial en la educación básica y superior. Todos los cuales, resaltan de algún modo informaciones específicas de algunas regiones e instituciones del país.

El octavo capítulo, analiza críticamente las condiciones del Grande ABC paulista durante la pandemia, con referencia a las contradicciones entre el propósito de mantener activos a los estudiantes en el cumplimiento de las horas y requerimientos académicos, y a la amplia gama de dificultades materiales o subjetivas de directivos, profesores y familias que impidieron el logro adecuado de lo propuesto. Resalta también el papel del conocimiento teórico, preterido en las prácticas fundamentales de la programación educativa. Motivos suficientes para plantear al mismo tiempo ¿cómo recuperar el desarrollo del pensamiento conceptual de los estudiantes, *mediante la formación profesional de los docentes para enfrentar situaciones inéditas en el futuro?* **El noveno capítulo**, plantea la problemática de la crisis pandémica con la descripción de múltiples dificultades encontradas en Paraná, probablemente aplicables de manera general; asimismo, la oportunidad de su superación, cuestión crucial en todo proceso de cambio calificable de revolucionario. No se trata de reformar o de maquillar, la palabra de orden es, cumplir los requisitos histórico-dialécticos para este cambio. Proceso que exige la resignificación, la reinención de las relaciones humanas desde las raíces; para lo cual debe dejarse atrás el discurso simplista sobre la sociedad y la educación, abriendo las perspectivas sobre ¿cuáles serían los requisitos de la reinención, para el profesor y el estudiante? **El décimo capítulo**, aborda las vivencias de una profesora sobre la enseñanza y apropiación del conocimiento filosófico, a partir de las cuales examina las inconsistencias del sistema educacional brasileiro, que convirtiendo lo irracional en racional, han velado aún más el entendimiento de los profesores acerca del desarrollo a propiciar en los estudiantes. ¿Cuáles fueron las encrucijadas enfrentadas por los profesores y alumnos? son cuestiones a profundizar en la lectura. Los efectos de la nueva carga horaria y la evidencia de una descontrolada deserción académica, cuentan entre las situaciones negativas vivenciadas por la autora. Finalmente se relata un caso con importantes detalles para al análisis.

El oncenavo capítulo, muestra la compleja situación del sistema educacional mediante el caso de la enseñanza para estudiantes sordos, que arroja múltiples

evidencias acerca de las diferencias entre las clases sociales del país, agravadas por los prejuicios sociales existentes en torno a las personas sordas. Uno de los aspectos destacables en esta ocasión es que las TIC en este tipo de educación reúne particularidades tendientes a dificultar el proceso de aprendizaje y la aplicación de los métodos de enseñanza ¿cuáles serían las alternativas de solución a estos problemas específicos en e la educación de sujetos sordos? son temas que pueden enfrascar la lectura, en la búsqueda de un fundamento teórico-metodológico para su solución. ***El décimo segundo capítulo***, trata sobre la significación de la orientación emocional al estudiantado, respecto a su salud mental y física y su retención escolar, mucho más cuando las condiciones de vida son dramáticas, cuestiones al parecer obvias; no obstante, la precisión de ¿cuáles son las herramientas que le permiten al professor encarar problemas de la emocionalidad en el processo educativo? ponen al descubierto como el uso de la técnica puede apartar al profesor de los mejores propósitos de la educación; sin embargo, este problema no tendría lugar, de no sobrevalorarse los medios técnicos, cosa habitual. ***El décimo tercer capítulo***, examina las condiciones de la educación y se centra en la crítica al esquematismo del proceso pedagógico, principalmente en la evaluación del aprendizaje y el uso de las TIC, problemas que motivaron nuevamente las discusiones entre los profesores, aunque se sabe que estas valoraciones no pueden separarse de la concepción educativa como totalidad. ¿qué fundamentos son mejores para el cambio integral del proceso educativo? son temas abordados con cierto grado de detalle, enriquecidos por el relato de una graduada de la carrera de Educación acerca de hechos y vivencias durante la pandemia, cuyas miras pueden orientar el futuro de una educación humanista.

La quinta y última parte del libro nombrada *A título de conclusión*, incluye el ***décimo cuarto capítulo***, titulado *Políticas públicas, presente y futuro*, colofón de la obra. En él se ratifica la crítica al modelo teórico positivista y se conceptualizan las políticas públicas, examinando los intereses escondidos detrás de ellas por gobiernos considerados verdaderas anarquías organizadas. Intereses que entrañan diferencias de clase y fuertes fuerzas políticas en contra del cambio revolucionario; cuyo análisis es enriquecido con datos cuantitativos sobre las iniquidades socioeconómicas en materia de educación y salud, entre otros derechos humanos negados a estos grupos. El problema acerca de ¿cuáles debieran ser entonces las perspectivas de las políticas públicas concretas, para la cultura y la educación en Brasil? constituye un buen objetivo para cerrar el debate ocasionado por el libro.

REFERENCIAS

BORÓN, Atilio. **Socialismo siglo XXI** ¿Hay vida después del neoliberalismo? La Habana: Ciencias Sociales, 2009.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Una epistemología del Sur**. México: Siglo XXI, 2009.

GALPERIN, Píotor Yakovlevich. **Seis conferencias** En: Compilación y traducción de MARTÍNEZ, Graciela. La Habana: Universidad de La Habana (folleto mimeografiado), 1973.

FARIÑAS, Gloria. **La autonomía como indicador del desarrollo de la personalidad**: los aportes de P. Ya. Galperin. En: Obutchénie. Vol.4, n.1, abril-septiembre 2020.

FROMM, Erich. **Ser o tener**. México: Fondo de la Cultura Económica, 2009

GRAMSCI, Antonio. **Antología**. México: Siglo XXI, 2007.

MARCUSE, Herbert. **El hombre unidimensional**. Barcelona: Planeta, 2016.

MARTÍ, José. Nuestra América. **Obras completas**. t. 6. La Habana: Editora Nacional de Cuba, 1963.